

# A língua geral

ARYON D. RODRIGUES

A expressão "língua geral" foi inicialmente usada, pelos portugueses como pelos espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área. Assim, na América espanhola, o quéchuá já no século XVI foi chamado de "língua geral do Peru" e o guarani, no início do século XVII, de "língua geral da província do Paraguai". No Brasil tardou bastante o uso desta expressão por parte dos portugueses. A língua dos índios Tupinambá, que no século XVI era falada sobre enorme extensão, ao longo da costa atlântica (do litoral de São Paulo ao litoral do Nordeste), não teve consagração a designação de "língua geral" nos dois primeiros séculos da colonização. Anchieta intitulou sua gramática, a primeira que dela se fez (publicada em 1595), *Arte de Grammatica da Língua mais Usada na Costa do Brasil*. Outros autores referem-se a ela como a "língua do Brasil", a "língua da terra", a "língua do mar". Mas o nome cujo uso se firmou, sobretudo ao longo do século XVII, foi o de "língua brasileira". Assim, o catecismo publicado em 1618 chamou-se *Catecismo na Língua Brasileira*; a segunda gramática, feita pelo padre Luis Figueira e cuja primeira impressão é de 1621, foi a *Arte da Língua Brasileira*; o dicionário dos jesuítas, cujo manuscrito melhor conhecido é de 1621, traz o nome de *Vocabulário na Língua Brasileira*, e assim por diante.

O nome tupinambá, como designação dessa língua, aparece tardiamente, no século XVIII, já com a intenção de distingui-la, enquanto língua antiga e enquanto língua de um povo indígena, da língua corrente da população mestiça, já então sensivelmente diferente daquela; mas no início do século XIX o padre e geógrafo Aires do Casal o utilizou para designar essa mesma língua corrente na Província do Pará. Já o nome tupi se torna corrente só no século XIX, quando já tinha desaparecido a grande maioria dos índios Tupinambá, restando poucos remanescentes, como os Tupinikim (Tupiniquim) do Espírito Santo, de quem o Imperador D. Pedro II anotou algumas palavras, ou os Potiguara da Baía da Traição, na Paraíba (ambos esses grupos de remanescentes subsistem, mas agora só falam a língua portuguesa).

Já no século XVI a língua brasileira passou a ser aprendida pelos portugueses, que de início constituíam pequena minoria junto aos índios Tupinambá. Como grande parte dos colonos vinha para o Brasil sem mulheres, passaram a viver com mulheres indígenas, com a consequência de que a língua brasileira (isto é, o tupinambá) veio a ser a língua materna de seus filhos. Essa situação atenuou-se em alguns lugares, com o aumento da imigração portuguesa e com a dizimação dos índios, mas intensificou-se em outros. Foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia que se intensificou e generalizou o uso da língua brasileira como língua comum entre os portugueses e seus descendentes — predominantemente mestiços — e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e outros índios incorporados às missões, às fazendas e às tropas: em resumo, toda a Po-

pulação, não importa qual sua origem, que passou a integrar o sistema colonial.

A essa língua popular, geral a índios missionados e aculturados e não-índios, é que foi mais sistematicamente aplicado o nome de língua geral. O uso desse nome começa já na segunda metade do século XVII, embora às vezes com sentido diverso, como acontece com o Padre Vieira, para o qual "língua geral" significa, por vezes, o mesmo que pra nós "língua da família tupi-guarani", isto é, qualquer língua reconhecidamente afirm do tupinambá, mas não idêntica a ele (como, por exemplo, o Guajajara do Maranhão).

No sul da colônia constituiu-se uma língua geral distinta da língua geral do Norte. A língua geral do Sul, menos conhecida que a do Norte, teve sua origem na língua dos índios Tupi de São Vicente e do alto rio Tietê, a qual diferia um pouco da língua dos Tupinambá. E a língua que no século XVII falavam os bandeirantes que de São Paulo saíram a explorar Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil. Por ser a língua desses pioneiros e aventureiros, penetrou essa língua geral em áreas onde nunca tinham chegado índios Tupi-Guarani e aí deixou sua marca no vocabulário popular e na toponímia. Em São Paulo ela foi dominante no século XVII, mas passou a ser suplantada pelo português no século XVIII. No início do século XIX só se faz referência a um ou outro falante no interior do estado de São Paulo, na área de Porto Feliz, no rio Tietê.

Já a língua geral do Norte desenvolveu-se inicialmente no Maranhão e no Pará, mais tarde do que a do Sul, a partir do tupinambá. Ao contrário de São Vicente/São Paulo, onde a colonização teve início já na primeira metade do século XVI, no Maranhão a conquista portuguesa começou quase cem anos depois, na primeira metade do século XVII. O litoral do Maranhão, onde primeiro se estabeleceram os portugueses, estava densamente povoado pelos índios Tupinambá, que se estendiam para oeste até a foz do Tocantins. Em consequência dessa situação, o tupinambá foi a língua predominante na população colonial durante o século XVII e acabou dando origem à nova língua geral, que foi falada pelas tropas e missões que foram penetrando e criando núcleos de povoamento no vale amazônico. Portanto, o tupinambá e essa língua geral em que ele se transformou, é que foi a língua de ocupação portuguesa da Amazônia

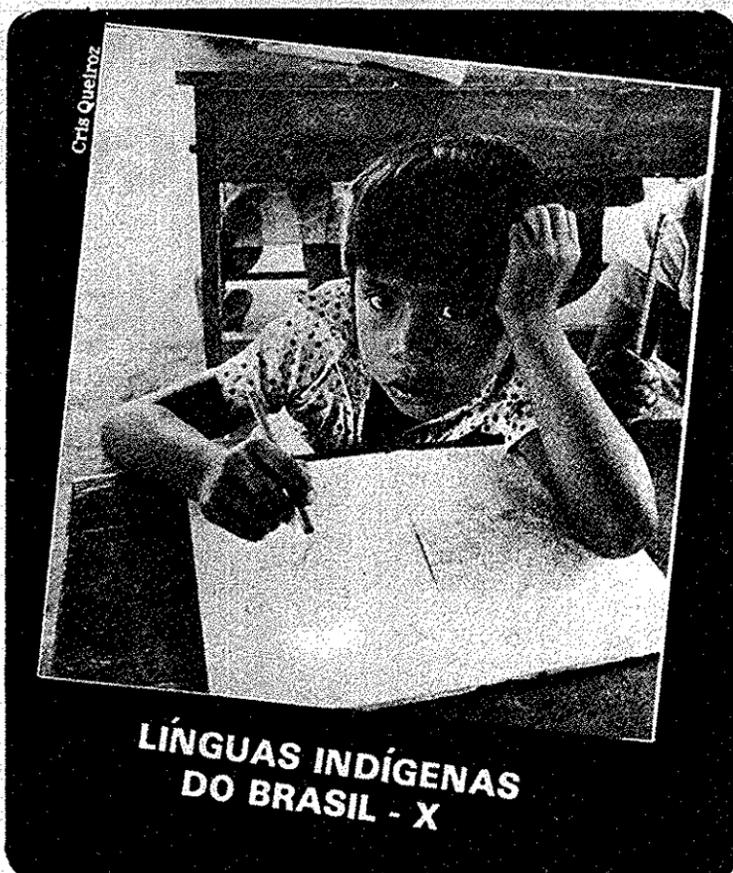
nos séculos XVII e XVIII. Aí ela foi o veículo não só da catequese, mas também da ação social e política portuguesa e luso-brasileira até o século XIX. Ainda hoje é falada, especialmente na bacia do rio Negro, sendo que no Uaupés e no Içana, além de ser a língua materna da população cabocla, ainda mantém o caráter de língua de comunicação entre índios e não-índios, ou entre índios de diferentes línguas.

As duas línguas gerais, faladas em novos contextos sociais, alteraram-se paulatinamente em sua estrutura. Da do Sul, chamada tupi austral por Martius, não sabemos muita coisa; na verdade, só conhecemos dela um documento (um dicionário de verbos) bastante tardio, provavelmente do fim do século XVIII, publicado pelo mesmo Martius. Já a língua geral do Norte ou língua geral amazônica ou, ainda — a partir do terceiro quartel do século XIX Nheengatu, além de continuar sendo falada, é conhecida por muitos documentos (gramáticas, dicionários, catecismos), tanto do século XVIII, como dos séculos XIX e XX. Esta língua se expandiu consideravelmente ao longo de todo o vale amazônico, chegando até a fronteira com o Peru no oeste e penetrando na Colômbia pelo vale do rio Uaupés no noroeste. Ao longo do rio Branco chegou também à Venezuela (onde é chamada geral). Tal como o tupi austral, a língua geral amazônica passou a ser falada em regiões onde nunca habitaram índios Tupi-Guarani e deixou forte marca na toponímia e na língua portuguesa da Amazônia.

A língua geral amazônica de hoje (Nheengatu) difere não só da língua tupinambá, mas também da língua geral amazônica do século XVIII. As diferenças em relação a esta última se devem não só a mudanças ocorridas com o passar do tempo (cerca de 250 anos), mas também ao fato de que certamente se constituíram diversos dialetos da língua geral amazônica, segundo as diferentes regiões em que ela veio a ser falada: baixo Tocantins, baixo Tapajós, rio Negro, Solimões etc.

O quadro ao lado mostra algumas dessas diferenças, em comparação também com a língua geral do Sul, o tupi austral:

As diferenças de vocabulário não são muito numerosas. Trata-se sobretudo ou de coisas e conceitos estranhos às culturas indígenas (como "roupa", "chapéu", "agulha", "panela (de me-



	Tupinambá séc. XVII	L. G. Sul séc. XVIII	L. G. Amaz. séc. XVIII	L. G. Amaz. séc. XX
criança	pitãnga	mitãnga	taina	taina
pai	túba	...	páia	páia
mãe	sy	...	máia	mãia
roupa	aóba	aóva	óba	xirúra
chapéu	(akãngaóba)	xapéw	akangaóba	xapéwa
agulha	...	itámiri	abi	awi
panela	ja'épepó	...	ja'épepó	panéra
um	ojepé	ñepeí	ojepé	japé
acabou-se	opáb	opá	opáw	upáw
eu caio	a'ár	a'á	a'ár	xa'ári
eu ergo	asupir	amojuri	amopu'áme	xamupu'ama
eu apago	aimowéb	amowé	amowéw	xamuéw
nasce	o'ár	osé	osémo	usémo
você não ouve	neresenubi	neresenúi	nitiw resenú	intí resenú
tingir de preto	mouñ	úna japó	mopixúne	mupixúna
batizar	(mojasúk)	serók.	serók	muserúka

tal)", "batizar"), ou de substituição de palavras nativas por palavras portuguesas na situação de bilingüismo ("pai", "mãe") ou, ainda, de reelaboração de construções nativas devidas a mudanças estruturais e a ampliação ou restrição no significado de certas palavras ("eu ergo", "nasce", "tingir de preto", "batizar"). De um modo geral, o vocabulário da língua geral amazônica continua sendo o do tupinambá. As alterações fonológicas, isto é, na pronúncia, também não foram muito intensas: o som b do tupinambá (T) passou a w na língua geral amazônica (LGA), confundindo-se com o antigo w (T Kába, LGA Káwa "vespa"; T Jawára "onça", LGA jawára "cachorro"); o som o passou a u, confundindo-se com o antigo u (T só'ó, LGA su'u "animal"; T su'u, LGA su'u "morder"); na LGA acrescentou-se sistematicamente uma vogal no final dos verbos que em T terminavam em consoante (T pák, LGA páka "acordar-se"; T wasém, LGA wasémo "achar"; T pór, LGA púri "pular"; T we'én, LGA we'éna "vomitar"), mas os verbos que terminavam em b passaram a terminar em w (T pab, LGA paw "acabar-se"; T monéb, LGA munéw "meter"), enquanto que a consoante ng deixou de ser pronunciada, mas nasalizou a vogal precedente (T a'áng, LGA sa'á "experimentar"; T me'eng, LGA me'é "dar").

tornar-se língua geral resultam de uma progressiva simplificação das formas gramaticais, acompanhada de reorganização da construção das frases. O sistema de demonstrativos do tupinambá, que era bastante complexo e distinguiu formas para "este", "esse", "aquele visível", "aquele invisível", "esse fisicamente presente", "esse de que falamos" etc., ficou reduzido na LGA a um sistema de apenas duas formas: kwá "este", ña'á "aquele". O sistema de pronomes pessoais do Tupinambá, que distinguiu três formas para "nós" (uma para "eu e ele(s)", outra para "eu, você(s) e ele(s)", e a terceira para "eu e você(s)", mas com a particularidade de que as duas últimas também significavam, respectivamente, "ele"(s) (assunto da conversa)" e "ele(s) (não assunto da conversa)", e que não tinha formas só de terceira pessoa ("ele(s)"), reajustou-se num sistema de tipo basicamente europeu, distinguindo três pessoas do singular e três pessoas do plural ("eu", "tu", "ele", "nós", "vós", "eles"). O sistema verbal do tupinambá, que distinguiu cinco modos — indicativo, imperativo, gerúndio, circunstancial e subjuntivo — passou a ter só dois modos na LGA — indicativo e imperativo.

Também os substantivos se simplificaram muito. No tupinambá havia um sistema de declinação com seis formas casuais, o qual desapareceu na LGA, em que os substantivos têm uma só forma.



Os Potiguara falavam a língua geral tupinambá